

SURVEY

BANCOS REPENSAM GESTÃO DE RISCO PARA ENFRENTAR A CRISE

Survey mundial da KPMG revela que 90% dos executivos inquiridos têm desenvolvido ou planeiam desenvolver uma revisão das funções de gestão de risco

Lisboa, 10 de Fevereiro de 2009

A deterioração continuada da situação do sector financeiro, em resultado da crise financeira actual, justifica que cerca de 42% das instituições financeiras estejam a planear efectuar mudanças estruturais nas suas áreas de avaliação e gestão de riscos, é uma das conclusões do recente estudo feito pela KPMG. Os resultados mostram ainda que 90% dos 400 executivos do sector financeiro inquiridos pela *Economist Intelligence Unit*, em nome da KPMG Internacional, têm desenvolvido, ou planeiam desenvolver, uma revisão das suas funções de gestão de riscos.

Estes resultados sugerem que existe um sentimento partilhado, pela maioria das instituições financeiras (onde se incluem instituições portuguesas), de que a solução não necessita ser tão severa como se poderia pensar, ou que a total extensão da crise financeira ainda não foi apurada.

Comentando os resultados, Pedro Subtil, *partner* de “Business Advisory Services” da KPMG em Portugal, afirma que: “Existem poucas dúvidas entre os Bancos inquiridos internacionalmente, que a falta da disciplina dentro da gestão de riscos foi um factor relevante que esteve na base da crise do crédito. Contudo, os Bancos parecem menos alinhados numa visão conjunta sobre que tipo de acções deverão ser desenvolvidas. O que observamos é uma resposta bastante reservada, em que apenas 40% dos inquiridos comprometem a sua organização face a um conjunto de alterações estruturais que uma crise desta magnitude poderia sugerir.”

Fazendo um parêntesis sobre a crise, Pedro Subtil continua: “De facto, trata-se de uma crise sem precedentes, quer em termos de magnitude, quer em termos de contornos, e que têm vindo a evoluir, de forma imprevisível, tendo desembocado numa crise de confiança que se instalou no sector financeiro, com repercussões sistémicas graves, e que se propagam de imediato a outros sectores. No entanto, não é justo apontar a gestão de risco como único factor relevante para esta crise. Antes, é o resultado cumulativo de uma sequência de outros factores que, nos últimos anos, concorreram para a situação a que se chegou. E, também não estou convencido, que seja pela via de produzir mais regulamentação que se combate ou neutraliza esta crise. Aliás, nesse aspecto, Portugal, pela mão do Banco de Portugal e da CMVM, tem sido pioneiro numa série de áreas de regulamentação, existindo hoje em dia uma moldura regulamentar robusta sobre a Gestão e Controlo de Riscos, a título de exemplo, basta mencionar o Aviso nº 5 de 2008 que resultou de um trabalho conjunto entre o Banco de Portugal, CMVM e Instituto de Seguros de Portugal.”

A pesquisa da KPMG destaca várias áreas onde terão de ser desenvolvidas mudanças, nomeadamente melhorar o nível de especialização em gestão de risco ao nível dos membros não executivos da Administração, maior comunicação entre a função de risco e as restantes áreas de negócio e aumentar a reduzida influência exercida pela função de risco na gestão global.

Cerca de 76% dos inquiridos acreditam que o risco ainda é estigmatizado, sendo encarado apenas como uma função de suporte, dentro da organização. No entanto, sete em cada dez inquiridos acreditam que a função possui uma maior influência do que possuía há cerca de dois anos atrás, enquanto uma percentagem ainda maior acredita que o modo como gerem o risco é uma fonte de vantagem competitiva. Além disso, acredita-se que os *Chief Risk Officers* (CRO) têm exercido uma maior influência sobre áreas-chave no desenvolvimento estratégico e alocação de capital.

O tema sobre a experiência em risco ao nível da Administração parece ser delicado. Enquanto existe uma aceitação face à falta de experiência nesta área, poucos admitiram que tal foi um factor que contribuiu para os acontecimentos recentes no sector. Esta falta de experiência em risco é mais acentuada entre os Administradores não executivos. No entanto, não parece existir uma vontade forte em combater esta lacuna.

Relativamente ao tema da comunicação, menos de 20% das instituições financeiras inquiridas consideram que a ausência de comunicação e de objectivos comuns foram factores relevantes para os acontecimentos recentes. No entanto, outras questões revelaram problemas na comunicação de políticas de risco para um nível mais operacional. Neste ponto, existe a possibilidade de melhorar a interacção com as unidades de negócio, assim como com a equipa de Auditoria Interna e a Comissão de Auditoria.

Pedro Subtil afirma ainda: “O que esta pesquisa ajuda a demonstrar, é que os Bancos devem instilar uma cultura robusta que consiga abordar a governança da gestão de risco em todos os níveis. Uma cultura desta natureza requer que os colaboradores se tornem gestores de risco das suas áreas, mas esta transformação implica que estes compreendam a tolerância e o apetite pelo risco da sua organização. Uma *framework* moderna de gestão de risco, que contribui para instituir esta cultura, deve estar baseada em três linhas de defesa: numa primeira linha, os colaboradores das áreas de negócio; numa segunda linha a função de gestão de risco e, numa terceira linha, a Auditoria Interna. E, para que uma cultura apropriada seja interiorizada, a gestão de topo deve dar um forte sinal à restante estrutura.”

“Foi um fraco julgamento dos riscos inerentes que conduziu a esta crise, com um aparente foco excessivo nos ganhos de curto-prazo. Devemos esperar que os níveis de julgamento melhorem. Tomar as rédeas e inculcando maior disciplina e protagonismo no processo de gestão de risco será um bom primeiro passo na demonstração disto.”

Disclaimer: Os pontos de vista e opiniões expressas neste artigo são os do autor e não representam necessariamente os pontos de vista e opiniões da KPMG em Portugal.

Sobre a KPMG Internacional:

A KPMG é uma rede global de firmas profissionais que prestam serviços de Auditoria, Fiscalidade e Consultoria. Estamos presentes em 144 países com 137.000 pessoas a trabalhar nas firmas membro a nível mundial. As firmas membro da rede KPMG são filiais da KPMG Internacional, uma cooperativa suíça. Cada uma das firmas membro é uma entidade legal distinta e independente.

Em Portugal, operamos a nível nacional em três escritórios (Lisboa, Porto e Funchal) com 27 sócios e aproximadamente 700 colaboradores.

www.kpmg.pt

Para mais informação por favor contacte:

KPMG em Portugal

Catarina Ahrens Teixeira, *Media Relations*

Edifício Monumental - Av. Praia da Vitória, 71 - A 11º - 1069-006 Lisboa – Portugal

Telefone: +351 210 110 043

e-Mail: cateixeira@kpmg.com